

Luiz Puntel

**MISSÃO  
NO ORIENTE**



---

## 1 ***Se quiser ser meu amigo...***

**O**avião com destino ao Japão, via Los Angeles, nos Estados Unidos, preparava-se para decolar. Era manhã de começo de dezembro, no Aeroporto Internacional de Guarulhos. O calor lá fora era intenso, mas dentro da aeronave norte-americana a temperatura regulada pelo sistema de ar-condicionado era agradável.

Uma simpática mestiça, filha de brasileira e japonês, cabelos negros, em tranças, ajeitava com dificuldade seus pertences. Teve mesmo de subir na poltrona para alcançar o compartimento das bagagens.

— Sakurako, você não perdeu nada? — perguntou um dos passageiros que lotavam o enorme Jumbo 747. Envergonhadíssima, arrumou de qualquer jeito suas coisas. Como alguém se atrevia a chamá-la por aquele nome horroroso? Virou-se, a face enrubescida. Já ia fuzilar uma resposta mal-criada, mas o sorriso que o jovem lhe dirigia a deixou indefesa.

— Como você sabe... sabe... meu nome?

— Li no passaporte. Ele estava caído no chão. Tome! — o jovem entregou-lhe o documento. — Posso te ajudar com as bagagens? Tenho mesmo que guardar minhas coisas aí em cima, no bagageiro! — o jovem prontificou-se a ajudá-la. Terminando a arrumação, já sentado ao lado de Sakurako, ele se apresentou:

— Muito prazer! Meu nome é Néelson, sou de Londrina, no Paraná — o forte sotaque denunciou sua procedência paranaense. — E você, Sakurako, é de onde?



—Sakurako, você não perdeu nada? — perguntou um dos passageiros que lotavam o enorme Jumbo 747.

— Sou de São Paulo. Se você quiser ser meu amigo, me chame de Mônica — a jovem fez cara de quem não tinha gostado nada de ser chamada pelo nome japonês.

— Tudo bem, amiga! Você é igual à minha irmã. Ela também detesta o nome japonês de batismo.

Como Mônica ficasse em silêncio, Néelson, para manter o diálogo, acrescentou:

— No saguão do aeroporto, vi você se despedindo de seus pais e acho que você faz parte do nosso grupo de *dekasseguis*, correto?

— Eu vou para Konosu, na província de Saitama! — respondeu Mônica.

— Então, estamos no mesmo grupo... — Néelson emendou.

— Só não sei se posso me considerar *dekassegui*, uma emigrante. Eu tenho uma amiga que está lá há um bom tempo. Ela é que me incentivou a fazer *arubaito*. Acho que é assim que os japoneses definem o nosso “fazer um bico”, não?

— É, isso mesmo! Eu sei como é esse sistema... — o jovem confirmou com a cabeça. — Mas o que te motivou a ir?

— Terminei o colegial, prestei vestibular e nada! Esse ano, fiz cursinho, mas pela segunda vez não passei no vestibular. Como já levei pau na primeira fase...

— Você prestou para quê?

— Odontologia. Mas não sei se o que quero é ser dentista... Lá em casa a tradição é entrar direto, até mesmo sem cursinho. Minha irmã já cursa Medicina, entrou direto; meu irmão entrou em Direito na São Francisco, também direto... Só eu que estou marcando passo. Por isso, eu me senti meio perdida, sem perspectivas...

— Seu pai não te cobrou pela derrota?

— Não, até que não. Ele é japonês à antiga em certas coisas, mas compreendeu. Eu é que me cobro muito...

— E agora você arruma um dinheirinho no Japão e sustenta os estudos, acertei?

— Exato! Vamos ver se dá certo...

— Muita gente lá de Londrina também faz esse esquema. Vai agora no fim do ano, arruma um *arubaito* e fica até começarem as aulas.

---

## 2 **Um segredo na mochila**

**Q**uando o avião deslizou na pista, iniciando a decolagem, Mônica e Néelson, ao sentirem o arranque dos potentes motores, emudeceram. Um misto de medo e expectativa tomou conta dos dois. Mônica agarrou-se nos braços da poltrona. O mesmo medo havia sentido ainda há pouco. Sua bagagem de mão, composta de uma sacola de viagem e uma mochila, ao passar pelo detector de metais, acionou o alarme. O funcionário exigiu que ela abrisse a mochila. Com seu jeitinho simpático, ela conseguiu convencê-lo de que o que levava não se tratava de uma arma.

Ainda com medo da decolagem, mentalmente, como numa prece de boa sorte, disse para si mesma: "*Sayonara, Burajiru!*", dando até breve ao Brasil.

De repente, uma das *dekasseguis* sentadas perto de Mônica levantou-se. Mônica percebeu que ela estava apavorada.

— Aonde você vai? — Mônica interceptou sua caminhada em direção à porta do avião.

— Me larga, me larga! Eu quero descer! — ela quase gritava, desesperada.

Mônica, ajudada por Néelson e dois outros passageiros, a obrigaram a sentar-se e afivelaram fortemente seu cinto de segurança.

Passado o nervosismo, a jovem olhou para Mônica

— Me deu um desespero, um troço esquisito — ela se desculpou.

— Como é seu nome?

— Vera! — respondeu a jovem, já mais calma.

— Quando a aeromoça passar por aqui, vou pedir um calmante para você, tá? Agora respire fundo e procure pensar em outra coisa.

— Obrigada!

Ao se aproximarem de Los Angeles, depois de doze horas de vôo, um comunicado do comandante trouxe um certo desconforto. O habitual seria abastecerem e continuarem viagem, mas, por problemas técnicos, os passageiros com destino ao Aeroporto Internacional de Narita, no Japão, deveriam desembarcar, esperando a liberação de outra aeronave.

No aeroporto, o grupo de Mônica e a maioria dos passageiros foram encaminhados para salas nada confortáveis, tendo de esperar horas pelo novo embarque. Mônica precisou ir ao banheiro e voltou de lá muito irritada.

— Imagina, gente, que o segurança me mandou fazer xixi de porta aberta! Parece até que eu queria fugir

pela janelinha do banheiro... — Mônica rebelou-se, achando a situação um absurdo.

O guia explicou que, em um dos vôos, naquela semana, dois brasileiros haviam entrado clandestinamente nos Estados Unidos e a vigilância havia sido redobrada.

— E quem disse que quero comer jerimum americano, filho de Deus! Quero é me empanturrar com *sukiaki* e *shabu shabu*... — falou Renato, um dos *dekasseguis*. Nordeste, o único não descendente de japoneses do grupo, fez um bico exagerado.

— Renato, por favor! — sua esposa, uma nissei de Moji das Cruzes, chamou-lhe a atenção.

— Tá bem, Beatriz! Tá todo mundo ficando aperreado, só quis descontraír essa tensão toda!

— Tenham paciência! — o guia pediu silêncio, ao sentir que a insatisfação era geral.

No embarque para o Japão, horas depois, ao passar pelo detector de metais, como em São Paulo, Mônica teve de abrir a bagagem, já que o alarme soara. Mesmo



com seu inglês de colegial, conseguiu explicar ao funcionário do aeroporto o que levava na mala. Ele entendeu e não criou obstáculo à liberação de sua bagagem.

Nélson, que vinha mais atrás, percebeu o desconforto de Mônica ao passar pela revista. Ao se aproximar, ela já havia fechado a mochila.

— O que houve, Mônica? — perguntou ele, preocupado. E para desanuviar a tensão, brincou: — Que segredo você guarda nesta mochila?

— Nada, não! Coisas muito pessoais... — ela respondeu, ríspida e enigmaticamente.

Quando percebeu que fora indelicada, sorriu para Nélson:

— É que, como sou previdente, trouxe facas e garfos... e o detector de metais apitou.

— Ah, lógico! — Nélson manteve a discrição, mas ficou intrigado. Para que trazer garfos e facas se no Japão se come com *hashi*, com pauzinhos? O que será que ela trazia na mochila?

